

Transição energética e o desafio da produtividade

Estudo sugere que país tem oportunidade de virar a chave do desempenho fraco da economia com adoção de políticas de produção voltadas para a economia verde e qualificação da mão de obra

Eduardo Belo

Editor de Brasil em Valor

Valor, 16/11/2023

É mais do que sabido que o crescimento médio medíocre da economia brasileira esbarra em grande medida na baixa produtividade do trabalho. Tirando a produção agrícola e pecuária, na média dos últimos 30 a 40 anos a produtividade cresce abaixo de 1% ao ano, insuficiente para acompanhar o crescimento vegetativo do país e a crescente necessidade de emprego.

Em consequência disso, o crescimento médio do PIB também se situa abaixo de 1% por ano, com picos de alta e de baixa aqui e ali, todos sempre muito atrelados ao cenário internacional, especialmente aos preços de commodities minerais e agrícolas.

A era da digitalização da economia traz uma nova oportunidade para o Brasil recuperar o tempo perdido e ao mesmo tempo lança o desafio de preparar mão de obra com a rapidez necessária para dar conta das novas necessidades.

Isso sem falar no imperativo de aumentar investimentos, hoje oscilando entre 16% e 17% do PIB ao ano.

Um paper do pesquisador Carlos Primo Braga, professor da Fundação Dom Cabral e professor visitante do IMD (Suíça), e de John H. Welch, da Universidade Mackenzie e professor visitante do St. St. Petersburg College (EUA), publicado em inglês, destaca que o ritmo da adoção de práticas digitais supera a qualificação da força de trabalho para a era digital - e, desse modo, dá a dimensão do tamanho do problema que o país tem de resolver se quiser colher resultados na nova fase da economia global. O artigo foi escrito como subsídio para discussão do encontro India, Brazil and South Africa Dialogue Forum 2023, realizado em setembro.

Com base em dados do Fórum Econômico Mundial, o estudo “The Future of Growth and Employment in Brazil” mostra que o país pode sofrer impacto líquido negativo na criação de empregos, devido à automação, se não for capaz de sanar as dificuldades de formação de mão de obra qualificada.

A formação profissional no país esbarra em um sistema de ensino precário, principalmente no fundamental e médio, e na baixa escolaridade da população. Somente um terço da força de

trabalho no Brasil concluiu o ensino médio. A formação superior se restringe a 17% da população economicamente ativa.

Os principais desafios são três, prega o documento: gerar emprego de boa qualidade, melhorar a qualificação da mão de obra e conciliar a demanda de trabalho com a oferta de profissionais.

Passa também pela questão a necessidade de inserir o jovem no mercado de trabalho. A taxa de desemprego para a população de 18 a 24 anos no país supera 24% no dado mais recente, três vezes mais que a média geral do país.

O retrato do atraso brasileiro fica claro quando se olha o crescimento da demanda por profissionais digitais depois da pandemia de covid-19 - crescimento de 36% na procura, segundo o paper.

Os pesquisadores também destacam a preocupação global com o impacto potencial das tecnologias digitais, como inteligência artificial e robótica, no mercado de trabalho. Os pesquisadores citam estudos segundo os quais 25% das tarefas de trabalho na Europa e nos EUA são passíveis de automação. O impacto negativo líquido desse processo estimado para o Brasil é de eliminação de 2,6 milhões de empregos.

Os professores defendem que a qualificação da força de trabalho brasileira precisa acompanhar o ritmo rápido da adoção de práticas digitais pelas empresas para garantir um efeito econômico líquido positivo dessas inovações.

O texto também aponta a descarbonização da economia como possível aliada do crescimento econômico, desde que o país tome algumas medidas que referendam sua condição de “favorito” a liderar o processo de descarbonização global.

O Brasil destaca-se como um potencial líder na descarbonização global, sendo um dos principais produtores de energia renovável. Com mais de 80% de sua energia vindo de fontes limpas, incluindo hídrica, biomassa, eólica e solar, o país tem a oportunidade de aumentar sua participação na produção global de combustíveis sustentáveis. Apesar disso, o Brasil é o sétimo maior emissor de gases de efeito estufa (GEE), com 50% dessas emissões provenientes do desmatamento, especialmente na região amazônica.

Controlar o desmatamento ilegal, promover um uso mais eficiente da terra, aumentar a produtividade agrícola e explorar a vantagem na produção de energia renovável são estratégias que, se adotadas, poderiam posicionar o Brasil como um líder na energia verde, defendem Braga e Welch.

Além de promover a sustentabilidade ambiental, essas iniciativas têm o potencial de criar “empregos verdes”, impulsionando a economia e o emprego no setor sustentável.

O texto destaca também os “desafios significativos” para melhorar a produtividade da força de trabalho no Brasil, enfatizando a necessidade de reformas no ambiente de negócios, investimentos em educação e aproveitamento das oportunidades na economia verde.

Eduardo Belo é editor de Brasil

E-mail: eduardo.belo@valor.com.br